

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO: MÉTODOS E TÉCNICAS DE ENSINO**

SILVANA PUCHALSKI

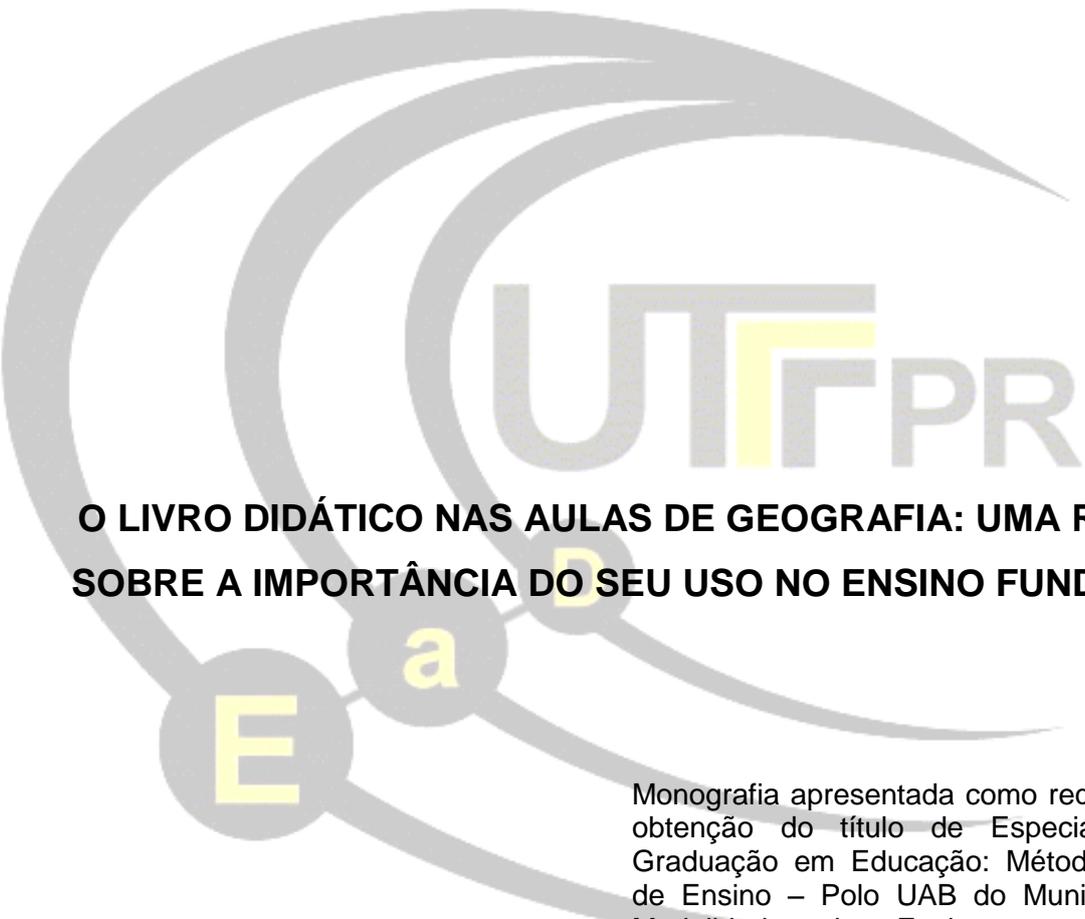
**O LIVRO DIDÁTICO NAS AULAS DE GEOGRAFIA: UMA REFLEXÃO
SOBRE A IMPORTÂNCIA DO SEU USO NO ENSINO FUNDAMENTAL**

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

MEDIANEIRA

2014

SILVANA PUCHALSKI



**O LIVRO DIDÁTICO NAS AULAS DE GEOGRAFIA: UMA REFLEXÃO
SOBRE A IMPORTÂNCIA DO SEU USO NO ENSINO FUNDAMENTAL**

Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Especialista na Pós Graduação em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino – Polo UAB do Município de Ibaiti, Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR – Campus Medianeira.

Orientador (a): Prof. Dr. Neron Alípio Cortes Berghauser

MEDIANEIRA

2014



TERMO DE APROVAÇÃO

O livro didático nas aulas de Geografia: uma reflexão sobre a importância do seu uso
no Ensino Fundamental

Por

Silvana Puchalski

Esta monografia foi apresentada às..... h do dia..... **de..... de 2014** como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista no Curso de Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino – Pólo de Ibaiti, Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Campus Medianeira. O candidato foi arguido pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho

Prof. Me. Neron Alípio Cortes Berghauser
UTFPR – Câmpus Medianeira - (orientador)

Prof Dr.
UTFPR – Câmpus Medianeira

Prof: Me.
UTFPR – Câmpus Medianeira

(A versão assinada deste documento encontra-se na coordenação do curso)

Dedico primeiramente a Deus, por me dar forças e capacidade para alcançar o objetivo proposto, e a minha Mãe que sempre está ao meu lado em todos os momentos e decisões da vida.

AGRADECIMENTOS

A Deus pelo dom da vida, e por dotar-me de inteligência e força de vontade para que pudesse concretizar mais essa etapa da vida profissional.

Aos meus pais, por sempre incentivarem na busca de um futuro melhor, e pelos valores de vida que jamais serão esquecidos.

Ao meu orientador professor Neron Alípio Cortes Berghauser pelas orientações ao longo do desenvolvimento da pesquisa.

Agradeço aos professores do curso de Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino, professores da UTFPR, Campus Medianeira.

Agradeço aos tutores presenciais e a distância que nos auxiliaram no decorrer da pós-graduação.

Enfim, sou grata a todos que contribuíram de forma direta ou indireta para realização desta monografia. E que este não seja o fim, mas o início de novos horizontes e maiores oportunidades.

“Ensinar é um exercício de imortalidade. De alguma forma continuamos a viver naqueles cujos olhos aprenderam a ver o mundo pela magia de nossa palavra. O professor, assim, não morre jamais”. (Rubem Alves)

RESUMO

PUCHALSKI, Silvana. **O livro didático nas aulas de Geografia: uma reflexão sobre a importância do seu uso no Ensino Fundamental**. 2014. Número de folhas. Monografia (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2014.

Este trabalho teve como temática a abordagem do livro didático nas aulas de Geografia, tendo como foco da pesquisa os alunos do Ensino Fundamental de determinada escola da cidade de Figueira-PR, uma vez que o seu objetivo é identificar a forma como o livro didático vem sendo utilizado na sala de aula, analisando a importância deste recurso didático na visão dos alunos e ainda, investigando se há ocorrência, no que compete à utilização de outros recursos didáticos que complementem as práticas pedagógicas em torno dos temas geográficos. E frente ao novo contexto do mundo atual no qual se insere a escola, tratou-se sobre o papel das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) no processo de ensino-aprendizagem da Geografia, embora conferindo ao livro a sua importância frente a sua tradição nos bancos escolares, pois trata-se de um processo de junção de recursos, métodos e técnicas que devem ser inovadas e utilizadas pelos professores.

Palavras-chave: Ensino-Aprendizagem. Tecnologias de Informação e Comunicação. Recurso Didático.

ABSTRACT

PUCHALSKI, Silvana. **O livro didático nas aulas de Geografia: uma reflexão sobre a importância do seu uso no Ensino Fundamental.** 2014. Número de folhas. Monografia (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2014.

This work had as its theme the approach of the textbook in geography lessons, focusing on the research of elementary school students in a particular school in the city of Figueira-PR, since its goal is to identify how the textbook comes being used in the classroom, analyzing the importance of this teaching tool in the vision of the students and also investigating whether there is an occurrence, as it is for the use of other learning resources that complement the pedagogical practices around the geographic themes. And opposite the new context of the current world in which it operates the school, was treated on the role of Information and Communication Technologies (ICT) in the teaching-learning process of Geography, although giving the book its importance compared to its tradition banks in school because it is a process of pooling the resources, methods and techniques that should be innovated and used by teachers.

Keywords: Teaching and Learning. Information Technology and Communication. Didactic feature.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – A Frequência em que o Livro Didático de Geografia é Utilizado nas Aulas	28
Figura 2 – A Qualidade dos Conteúdos dos Livros Didáticos de Geografia.....	29
Figura 3 – A importância do Livro Didático para a Disciplina de Geografia.....	29
Figura 4 – Utilização de Mapas nas Aulas de Geografia.....	30
Figura 5 – Utilização de planisfério nas aulas de Geografia.....	31
Figura 6 – Utilização do globo nas aulas de Geografia	31
Figura 7 – Utilização de computadores nas aulas de Geografia	32
Figura 8 – Utilização de vídeos e filmes nas aulas de Geografia	33
Figura 9 – A qualidade do aprendizado obtido com o uso do livro didático de Geografia	33

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	Erro! Indicador não definido.
2.1 O Ensino de Geografia no Brasil: Evolução Histórica Erro! Indicador não definido.	
2.1.1 Livro Didático: Do surgimento á Consolidação	19
2.1.1.1 As TIC's e o Livro Didático no Ensino de Geografia.....	22
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	26
3.1 TIPO DE PESQUISA.....	26
3.2 POPULAÇÃO E AMOSTRA	27
3.3 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS.....	27
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	28
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
REFERÊNCIAS.....	37
APÊNDICE(S).....	40

1. INTRODUÇÃO

A escola, em seu papel de fomentar o aprendizado e a formação do cidadão, carrega consigo uma responsabilidade inquestionável que acompanha as transformações da sociedade. O convívio e a interação da criança com a grande variedade de recursos pedagógicos consistem de uma estratégia proposta para que o conhecimento possa ser assimilado no cotidiano escolar e utilizado por toda a vida. Dentre os recursos de maior presença nos espaços e tempos escolares, o livro destaca-se não somente pelo tempo de existência, mas também pela abrangência de possibilidade de usos. Não obstante o crescimento das chamadas Tecnologias de Informação e Comunicação cujo cerne operacional é o ambiente computacional, os livros têm conseguido manter-se em uso perpetuando-se ainda por muito tempo.

A Geografia, enquanto disciplina escolar oferece sua contribuição para que alunos e professores enriqueçam suas representações sociais e seu conhecimento sobre as múltiplas dimensões da realidade social, natural e histórica, entendendo melhor o mundo em seu processo ininterrupto de transformação. (Pontuschka, 2007). Nesse sentido, é relevante pesquisar a utilização dos instrumentos de ensino nas aulas de Geografia, uma vez que a escolha correta dos mesmos e sua utilização contribuem para melhorar as aulas e aumentar a participação ativa dos alunos, se estabelecendo como etapa primordial no processo de ensino-aprendizagem dos conteúdos geográficos, no caso o livro didático.

O presente trabalho está focado na análise da utilização do livro didático como instrumento de ensino de Geografia, tendo como objeto de estudo o 6º ano Ensino Fundamental II, uma vez que se trata de uma série em que os alunos encontram-se em período de transição, ou seja, os conceitos aprendidos no fundamental I tomaram uma proporção um tanto quanto mais específica e teórica.

Portanto, se tratando de um período de (re) conhecimento de conceitos é necessário que as metodologias e recursos sejam eficientes para que o processo de aprendizagem seja eficaz e objetivo, e nesta perspectiva a análise sobre como os livros didáticos são utilizados pelos professores e se estes acabam sendo relevantes para a construção dos saberes geográficos, é de suma importância.

O objetivo geral deste trabalho consiste em estudar o uso do livro didático em aulas de Geografia no 6º ano de um Colégio Estadual na cidade de Figueira, Estado do Paraná. Expressam-se como objetivos específicos: a) realizar pesquisa bibliográfica sobre o surgimento e implantação do livro didático nas escolas públicas brasileiras; b) levantar aspectos ligados a necessidades e aplicabilidade deste uso; e, c) definir, a partir dos levantamentos realizados os prós e contras em relação ao nível de aproveitamento e aprendizado por parte dos alunos a partir da utilização dos livros didáticos.

A escolha do tema foi motivada pelo interesse em comprovar até que ponto uma prática é capaz de gerar resultados (bons ou ruins) para uma coletividade. Neste caso, interessa à pesquisadora entender a dinâmica envolvida com o uso das referidas publicações nas escolas e as implicações geradas com esta decisão. Partindo-se do pressuposto que manter a distribuição de livros didáticos significa grandes investimentos, cabe a academia identificar se esta ação produz bons resultados principalmente no que se refere ao aprendizado. Conforme registros levantados, as escolas brasileiras usam livros didáticos há aproximadamente duas décadas. Fica evidente então a necessidade de se entender se o investimento se paga, se não financeira, pelo menos socialmente ou pedagogicamente.

Por meio das pesquisas realizadas procura-se perceber a relevância que este instrumento adquiriu tanto para professores que o utiliza para ministrar suas aulas quanto para os alunos que se adaptaram as facilidades oferecidas. Neste sentido, o estudo é relevante, uma vez que, busca através da pesquisa de campo, relatar a forma de utilização do livro didático na vivência escolar dos alunos do 6º ano, e ainda se o professor consegue atingir os seus objetivos, que nada mais são do que a construção do conhecimento crítico dos alunos.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nesse capítulo são apresentados tópicos teóricos acerca do ensino de Geografia e as contribuições da formação acadêmica continuada para a concretização do conhecimento passado pela disciplina. Procura-se com isto, fundamentar determinadas considerações relevantes, que visam embasar a ideia central para o desenvolvimento dessa pesquisa.

2.1 HISTÓRIA DO ENSINO DA GEOGRAFIA NO BRASIL

A evolução histórica da Geografia no Brasil se deu aos longos dos tempos de forma gradativa e lenta, passou por uma série de transformações e mudanças para que se pudesse chegar ao patamar de ciência geográfica e autônoma. Pois até os anos 1960, pouco se sabia sobre a produção de pesquisas voltadas para o ensino de Geografia a não ser pelas críticas aos livros didáticos que em sua maioria eram produzidos por historiadores. De acordo com Pontuschka (1999) destaca-se a figura de Delgado de Carvalho, que em 1925 publicou uma obra intitulada Metodologia do Ensino Geográfico, na qual, a partir da preocupação com o ensino de Geografia, partindo dos métodos de pesquisa e ensino da época, propôs uma discussão precisa e lógica dos conteúdos geográficos. Pois a preocupação dos geógrafos em relação aos conteúdos geográficos era “o que se ensinar” e não “como ensinar” (PONTUSCHKA, 1999, p.32).

E quanto á contribuição de Delgado Carvalho para a evolução da Geografia Vlach (2007) contribui citando que:

A importância que conferiu ao ensino de geografia liga-se a ideologia do nacionalismo patriótico, e, significativamente, a ciência geográfica deveria fornecer-lhe os fundamentos lógicos, com o fim de atingir um “patriotismo verdadeiro, esclarecido e inteligente”, daí o seu propósito de edificação da geografia científica no Brasil (VLACH, 2007, p.43).

Portanto, o momento era de uma verdadeira revolução e repaginação do cenário escolar no qual era ensinada uma Geografia descritiva e de memorização,

em que a disciplina era tratada de forma pejorativa e falha, e com cunho excepcionalmente tradicional.

Cavalcanti (2002) comenta que o desenvolvimento da geografia enquanto ciência no Brasil se deu por dois fatores contribuintes e de extrema importância para que pudesse se iniciar as mudanças necessárias. Primeiro, foi a partir da fundação da Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras, da USP em 1934, e do Departamento de Geografia em 1946. Segundo fato determinante foi a fundação da Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB), que é suma importância até os dias de hoje para os que pesquisam e ensinam Geografia. De acordo com Pontuschka (1999) é importante ressaltar a presença da influência europeia, sobretudo a francesa, sobre o desenvolvimento desta ciência que era extremamente regionalista, e que com o crescimento da produção científica a Geografia baseava-se em trabalhos de campo realizados com material de origem francesa ou alemã, uma vez que:

A orientação dada ao ensino obedece à metodologia francesa, em suas linhas mestras. Nas décadas de 40 e 50, o Departamento de Geografia da USP dava importância aos estudos regionais, considerados como expressão fiel da paisagem geográfica, segundo as ideias dos geógrafos da época. Em 1949, pleiteava-se a criação da cadeira de geografia regional do Departamento de Geografia da USP (PONTUSCHKA, 1999, p.112).

E partindo destes fatos, começa a ser lançado um novo olhar sobre o contexto da Geografia tanto em relação a suas abordagens, quanto no perfil do profissional e mesmo para o aluno. Que através de artigos sobre pesquisas de caráter geográfico produzido pelo IBGE, chegou ao público desde a escola fundamental até a universidade. (PONTUSCHKA, 1999).

Archela (2006) ilustra que durante a década de 1950 a geografia ainda estava baseada nas ideias de Vidal de La Blache, quando predominava o pensamento tradicional que buscava compreender o espaço geográfico por meio das relações homem X natureza, e felizmente começou a ser questionada por geógrafos do mundo todo e que a partir deste abrir de olhos começam a buscar novos paradigmas e teorizações que pudessem sanar os questionamentos de toda a massa.

E segundo Pontuschka (1999, p.118):

Nos anos 50, houve uma reelaboração nas condições de dependência do país, reintegrando-se o Brasil ao sistema econômico mundial, sob a hegemonia dos Estados Unidos. As classes sociais brasileiras, paulatinamente, passaram a participar dos debates sobre os problemas nacionais, com destaque para os grandes centros urbanos.

Na opinião de Archela (2006) ao se iniciar um processo de transformação social, automaticamente o ser humano sente a necessidade de questionar, de se integrar ao seu meio e conseqüentemente a exigir mudanças. Este fato foi determinante para a evolução do ensino no Brasil que, a partir do processo de industrialização, a mecanização do setor agrário, a urbanização e aplicação de novas tecnologias, as realidades locais passaram a ser globais, em que o meio natural passa a ser transformado em meio geográfico. Pontuschka (1999) ilustra que partindo desta série de mudanças no cenário brasileiro, surge a Escola Nova, na qual os professores se inteiraram das obras de Piaget, que através do acesso a Psicologia da Aprendizagem começa a tratar o aluno e não os conteúdos como o principal foco das suas atenções.

Conseqüentemente com essa modernização na sociedade, os geógrafos puderam ter acesso a uma gama de novas tecnologias que ocasionou em uma reflexão teórico-metodológica, a partir da década de 1970, surgindo juntamente com esses pensamentos a Associação de Geografia Teórica e em 1971, produziram o Boletim de Geografia Teórica, embasados na teoria utilizada pelo IBGE, na qual os procedimentos quantitativos, através de métodos estatísticos e modelos matemáticos imperavam e os métodos teóricos ficaram de lado, neste sentido Archela (2006, p.143) complementa:

Esta tinha a preocupação de afirmar-se como nova, contra todos os modos de fazer geografia, e se manifestou principalmente através da quantificação. Porém ela utilizou como instrumento os modelos, as teorias dos sistemas, a tese da difusão de inovações, as noções de percepção e de comportamento e da mesma maneira, as múltiplas formas de valorização do empírico e do ideológico.

No entanto, segundo Pontuschka (1999) essa corrente da Geografia, Nova Geografia ou Geografia Teórica foi extremamente criticada, primeiro por aqueles geógrafos que buscavam outros rumos para as explicações, e depois pelo fato de não fazer uma ligação direta com o real sentido do ensino de Geografia. Pela condição de regime militar e da política educacional da época, foram repassados para as escolas livros didáticos empobrecidos em conteúdos escolares e de cunho altamente político ideológico. Outro problema enfrentado nessa busca por novos paradigmas foi com a escola pública de 1º e 2º graus, para as quais foi proposta a criação de Estudos Sociais na expectativa de se eliminar do currículo a Geografia e História.

Conforme complementa o resgate histórico da Geografia, Oliveira (2003) salienta que a década de 1970 foi de mudanças, houve a permissão de aberturas das escolas superiores particulares e cursos de licenciatura curta, principalmente em São Paulo e Rio de Janeiro, com a formação de professores de licenciatura plena aptos a atender as necessidades do mercado.

Embora tenham ocorrido várias reformulações no pensamento geográfico no campo de ensino, era necessário algo mais perspicaz para que se pudesse responder a todas as dúvidas da nova sociedade que estava se formando, onde suas indagações e participação estavam se tornando presente e ativa. E como resposta ou pelo menos como tentativa de questionar o cenário descrito, Cavalcanti (2002) registra que, surge em 1980 várias propostas para refletir a geografia de modo mais crítico que tinha como elemento unificador o materialismo histórico como método de investigação da realidade, buscando superar o dualismo que a geografia tem desde que se constituiu como corpo sistematizado de conhecimento, ou seja, buscava através dos acontecimentos históricos desde o seu surgimento no campo de ensino se firma como uma ciência única e independente.

Portanto esta nova forma de visualizar o espaço e conseqüentemente repensar o ensino ficou conhecida como Geografia Crítica que, diferente das outras que surgiram anteriormente, possui uma forma diferenciada com métodos que enfatizavam o homem não só como receptor de conhecimento, mas também de formador deles. Neste contexto, Archela (2006, p.57), comenta que:

Esta denominação advinha de uma postura radical dos geógrafos, frente à geografia produzida até aquele momento. Seus autores pensavam a análise geográfica como um instrumento de libertação do homem e buscavam realizar uma avaliação profunda das razões da crise política, econômica e social brasileira, como também da própria geografia.

Ou seja, começava a se formar dentro da Geografia e em seus pensadores uma nova forma de repensar o espaço vivido, onde os aspectos cotidianos da vida do indivíduo deveriam ser levados em conta, uma vez que estes fazem parte da massa formadora deste espaço e no qual sem eles nada se idealizaria. Archela (2006) expressa que se observa, a partir de então, uma melhora e aumento significativo na produção geográfica sobre o ensino oferecida para os professores e formandos de geografia do país. Entretanto, como nenhuma forma de mudança é rápida, com a renovação da Geografia não poderia ser diferente, trata-se de um processo lento. Embora tenha ocorrido o acesso a essas novas metodologias, as

condições de trabalho oferecidas pelo Estado em geral são precárias, sem falar que alguns destes professores só tenham ouvido falar dessa Geografia Crítica através dos livros didáticos, já que as escolas não ofereciam qualquer tipo de informação sobre o tema. (PONTUSCHKA, 1999)

2.2 O ENSINO DA GEOGRAFIA NO BRASIL MODERNO

Vlach (2007) comenta que o ensino de Geografia no Brasil vive uma fase decisiva em que as redefinições em seus métodos são impostas tanto pela sociedade quanto pelas mudanças que ocorrem na ciência geográfica. Trata-se de um campo muito amplo, que abrange temas físicos, humanos, políticos, culturais, sociais, etc, e, por constar tantos itens em seu arcabouço, essas redefinições acabam sendo necessárias. Como o mundo e a sociedade estão em constantes movimentos, isto implica em uma resposta por parte da Geografia enquanto ciência do saber, pois não se pode conceber formar um cidadão crítico e atual, com pensamentos e conceitos ultrapassados. E, como afirma Vesentini (2003, p.54):

Uma coisa é certa: o ensino tradicional da Geografia - mnemônico e descritivo alicerçado no esquema "a Terra e o Homem" - não tem lugar nenhum na escola do século XXI. Ou a Geografia muda radicalmente e mostra que pode contribuir para formar cidadãos ativos, para levar o educando a compreender o mundo em que vivemos para ajudá-lo a entender as relações problemáticas entre sociedade e natureza e entre todas as escalas geográficas, ou ela vai acabar virando uma peça de museu.

Pode-se desta maneira afirmar que, desde o início nos bancos escolares, a Geografia, mais do que nunca, precisa se modernizar para que não caia no esquecimento ou venha a ser desvalorizada no ambiente científico mundial. Vesentini (2003) salienta que, em meio a tantas críticas ao sistema escolar brasileiro, é de se estranhar que, com toda ineficiência estrutural e falta de recursos financeiros e teórico-metodológicos, comparado com alguns outros países, O Brasil ainda contribua para gerar esta série de complexidades e riquezas, incentivando a liberdade de inovação e rumos diferentes para que se dê um ponto final ao tradicionalismo ainda presente no ensino.

Brabant (2003) esclarece que a descrição física, como uma etapa do processo de ensino, sempre teve uma grande importância para a geografia escolar, e considerada como introdução à história. Uma vez que:

A Geografia é antes de tudo a disciplina que permite, pela descrição, conhecer os lugares onde os acontecimentos se passaram. Esta situação subordinada da geografia a história foi reforçada pela preocupação patriótica. O objetivo não é o de raciocinar sobre um espaço, mas de fazer dele um inventário para delimitar o espaço nacional e situar o cidadão neste quadro (BRABANT, 2003, p.65).

O mesmo autor ainda completa o raciocínio afirmando que se pode adiantar a hipótese de que o discurso nacionalista reforçou o peso dos elementos físicos, pois ele utilizou sempre com ênfase a gama das causalidades determinada a partir dos dados naturais. Assim, o clima explica as mentalidades enquanto que a existência de vias de invasão justifica a procura de fronteiras naturais.

Dentro deste contexto, Brabant (2003) explica que ainda pode ser citado o enciclopedismo da geografia escolar que se centrava mais sobre a precisão dos detalhes do que sobre a sua totalidade. Uma vez que, este enciclopedismo contribui ainda mais para a crescente abstração do discurso geográfico, ao mesmo tempo em que alimentou o tédio das gerações de alunos que classificaram a Geografia como uma matéria de memorizar, sem esquecer que despolitizou o discurso geográfico, falando da atualidade, porém sem citar qualquer tipo de problema de teor político.

Desde sempre, o foco principal de todos os debates envolvendo o ensino de geografia se remetem ao método tradicional, que por muito tempo vem criando novas correntes de pensamento que ponha por terra esta forma ultrapassada de se ensinar.

Oliveira (2003) comenta que foi em decorrência do movimento de crítica nascido na França, principalmente no pós-guerra, com Pierre George, Lacoste, Guglielmo, Tricart, Dresch, etc.; que o acesso ao materialismo histórico e dialético começou a se fazer, aparecendo como geografia nova, geografia crítica, permitindo ultrapassar a questão do determinismo e possibilismo ou mesmo a questão homem X natureza, ou ainda a discussão sobre a história e a natureza.

Oliveira (2003, p.27) afirma que:

O momento atual vivido pela Geografia é, portanto um momento de embate teórico-metodológico e prático realizado em três frentes: entre a “new geography” e a “geografia tradicional” de um lado, entre a “geografia crítica” e a “geografia tradicional” de outro, e ainda, e cada vez mais intensamente entre a “new geography” e a “geografia crítica”.

Através destes embates, colabora Oliveira (2003) é que irá se determinar a hegemonia de um ou de outro, porém o que se observa neste momento é que os professores geógrafos, os principais interessados não participam ativamente das discussões sobre o ensino na geografia atual. O autor afirma que eles estão envolvidos num emaranhado dialético dominador que educa o professor a ensinar sem questionar os conteúdos dos livros didáticos, sem se preocupar com o produto final repassado aos seus alunos e sem se preocupar se os seus ensinamentos transformarão o próprio ensino ou mesmo a sociedade em que vivem. Ou seja:

Os professores e alunos são treinados a não pensar sobre e o que é ensinado e sim, a repetir pura e simplesmente o que é ensinado. O que significa dizer que eles não participam do processo de produção do conhecimento (OLIVEIRA, 2003, p.29).

Vesentini (2003) complementa que este problema se deve também ao fato da divisão acadêmica entre os que produzem e os que praticam a teoria, separando-se entre pesquisadores e professores. Este fato causa um empobrecimento da geografia, e conseqüentemente da escola e da formação crítica dos homens que compõe e comporão a base produtiva da sociedade. Nesta realidade, entende-se então que, ou se junta teoria à prática ou infelizmente as “falsas questões” continuarão a permear o campo da Geografia.

Ainda nos pressupostos de Vesentini (2003, p.37) a Geografia Crítica deve ser tratada como:

[...] o conhecimento a ser alcançado no ensino, na perspectiva de uma geografia crítica, não se localiza no professor ou na ciência a ser ensinada ou vulgarizada, e sim no real, no meio onde aluno e professor estão situados e é fruto da práxis coletiva dos grupos. Integrar o educando no meio significa deixa-lo descobrir que pode tornar-se sujeito na história.

Portanto, Oliveira (2003) encerra que é através destas tentativas de conceber Geografia enquanto ciência e produto fundamental no processo de ensino, e formadora de uma sociedade justa e igualitária, que se capacita e cria cidadãos críticos, capazes de superar toda e qualquer adversidade que venha a surgir futuramente. O espaço em si está em constante movimento e atualização, e a escola surge como uma ferramenta que precisa ser manuseada de forma consciente e crítica quanto ao seu papel no mundo atual. E o professor personagem deste processo, deve estar ciente de sua responsabilidade enquanto disseminador do conhecimento, e, portanto, voltado para a criticidade dos fatos.

2.3 LIVRO DIDÁTICO: DO SURGIMENTO À CONSOLIDAÇÃO

Estima-se que a história do livro didático transcenda mesmo à história da imprensa, Gatti (2004) lembra que o livro já estava presente na cultura escolar mesmo que em baixa escala se comparado com a atualidade, conforme o mesmo autor:

[...] está na cultura escolar mesmo antes da invenção da imprensa no final do século XV. Na época em que os livros eram raros, os próprios estudantes universitários europeus produziam seus cadernos de texto. Com o surgimento da imprensa, os livros tornaram-se os primeiros produtos feitos em série e ao longo do tempo à concepção do livro como “fiel depositário das verdades científicas universais” foi se solidificando realizando uma espécie de transmissão do conhecimento científico para as salas de aula (GATTI, 2004, p. 36).

Assim, percebe-se que este recurso sempre esteve presente nas escolas, e que não se trata de uma nova opção ao processo de ensino, mas que, ao longo do tempo passou por uma série de transformações e inovações. Acompanhando as mudanças constantes em toda a sociedade ao longo de sua história, as pessoas também estão em constante processo evolutivo, tendo sempre como objetivo a transmissão de diferentes épocas, ideologias e fatos que acabam se eternizando.

Pontuschka, Paganelli e Cacete (2007) comentam que no Brasil, os primeiros passos para que o livro didático se consolidasse nas escolas teve início no ano de 1929 com a criação de um órgão governamental o INL (Instituto Nacional do Livro), que tinha como principal funcionalidade legislar sobre as políticas do livro didático, e objetivava também o controle e aumento da produção. Mas foi somente em 1934, durante o governo do presidente Getúlio Vargas que as ações realmente começaram a se concretizar. Foram atribuídas ao INL, ações como as de edição de obras literárias, elaboração de enciclopédias, dicionários nacionais e ainda a expansão de bibliotecas públicas.

De acordo com Oliveira (2003), o Decreto-Lei nº 1.006 (Dez/1938) institui a Comissão Nacional do Livro Didático (CNLD), a primeira política de legislação e controle da circulação das obras, que dava competência aos seus membros a função de examinar os livros didáticos, estimular a produção e orientar a sua importação, etc. No entanto, a legitimidade desta comissão foi questionada e assim fica consolidada a legislação sobre as condições de produção, importação e

utilização do livro didático, restringindo ao professor a escolha do livro a ser utilizado pelos alunos a partir do Decreto-Lei nº 8.460, de 26/12/1945. (FNDE)

As mudanças não pararam, Oliveira (2003) comenta que, desde a criação do INL (Instituto Nacional do Livro), muitas outras reformulações aconteceram até quando foi instaurado o decreto nº 91.542, (Ago/1985) que criou Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), que ainda continua em vigência no país e que trouxe diversas mudanças, entre elas as citadas no FNDE:

- a) Indicação do livro didático pelos professores;
- b) Reutilização do livro, implicando a abolição do livro descartável e o aperfeiçoamento das especificações técnicas para sua produção, visando maior durabilidade e possibilitando a implantação de bancos de livros didáticos;
- c) Extensão da oferta aos alunos de 1ª e 2ª série das escolas públicas e comunitárias;
- d) Fim da participação financeira dos estados, passando o controle do processo decisório para a FAE e garantindo o critério de escolha do livro pelos professores.

E a partir desta série de busca por melhorias, seja no que compete à legislação e melhoria na qualidade dos livros didáticos, não se pode esquecer a importância do ato de educar. Enquanto o objeto deste estudo que consiste da geografia, apresenta determinados princípios tais como o estudo do espaço e suas dinâmicas, nada mais conveniente do que o seu uso no processo de ensino-aprendizagem. E segundo Guia do Livro Didático (2007, p.10):

Um livro didático de Geografia deve primeiro, preparar o aluno para atuar num mundo complexo, localizar-se nele, decodificá-lo, compreender seu sentido e significado; e, segundo, desenvolver seu espírito crítico, que implica o desenvolvimento da capacidade de problematizar a realidade, de propor soluções e de reconhecer a sua complexidade.

Desta forma, o livro didático de geografia não deve abordar em seu conteúdo estrutural apenas os conceitos científicos, mas também, temas que se relacionem com o cotidiano dos alunos, uma vez que é somente através da vivência que os conceitos geográficos ficam claros, e sendo assim:

Deve-se partir das experiências que os alunos já possuem como senso comum para, nos processos de ensino e aprendizagem, desenvolvê-las como conhecimento sistematizado nas várias escalas espaciais. Primeiramente, e de acordo com a maturidade dos alunos, devem ser estimulados os processos cognitivos como observação, identificação, comparação, compreensão, memorização, interpretação, análise, criatividade, síntese, problematização e criticidade, para formar um indivíduo com capacidade de resolver problemas, enfrentar situações complexas e expor suas ideias. (PNLD, 2007, p.10-11)

Portanto, cabe ao professor como um disseminador de conhecimentos a escolha de um método adequado e com informações verídicas e criteriosas que se encaixem em seus objetivos no conteúdo a ser aplicado. Porém, não é apenas a metodologia que irá instigar este aluno, pois a escola sendo uma célula social, precisa se mostrar participativa e inclusiva, visando sempre o bem conhecer, saber e fazer.

Porém a realidade da educação e do ensino é outra, conforme Libâneo (2002, p.65), “[...] o mais comum, no entanto, é o aluno memorizar o que o professor fala, decorar o livro didático e mecanizar fórmulas, definições etc.”; tais ações geram um aprendizado, só que um aprendizado vago, sem conteúdo e passageiro, pois não levou o aluno a estar em contato com o real sentido do aprender, a assimilar de forma concreta para que o mesmo pudesse se apropriar dos conceitos de forma plena e eficaz, uma vez que a “decoreba”, não instiga a atividade mental e produtiva do aluno.

Deste modo, o processo de ensino-aprendizagem só se faz efetivo quando se é valorado primeiro, a bagagem já adquirida pelo aluno ao longo de sua vivência escolar para posteriormente ser reintegrado e associado com os novos conceitos que serão introduzidos, uma vez que, associará o conhecimento já adquirido com os novos conceitos, pois como afirma Vygotsky (2000, p. 75) “é pelo uso dos conceitos do dia-a-dia que as crianças atribuem sentidos às definições e explicações dos conceitos científicos”.

Entretanto, para que isso de fato ocorra, Pontuschka, Paganelli e Cacete (2007) comentam que se faz necessário o uso de métodos diferentes dos expressos nos livros didáticos, não que o professor não possa fazer uso do livro, mas que o veja como norteador de suas ações e não como um método e caminho a ser seguido, pois infelizmente, em sua maioria estão relacionados aos métodos tradicionalistas que em nada favorecem a produção de conhecimento.

2.4 AS TIC'S E O LIVRO DIDÁTICO NO ENSINO DA GEOGRAFIA

O mundo está em constante processo de inovações e mudanças políticas, econômicas, sociais e tecnológicas, e é neste mesmo ritmo que a escola, e a

educação caminham, a passos largos na busca de sua modernização para que possa acompanhar o processo evolutivo tanto da sociedade, como também do próprio indivíduo que a constitui.

Neste grande emaranhado de inovações, Pontuschka, Paganelli e Cacete (2007) comentam que é possível entender que a globalização tenha sido um dos mais importantes e representativos fatos que aconteceu no início do século XX, e da qual estamos vivenciando e que Santos (2003), denominou-a de “era digital”, em que o principal objetivo é atender as necessidades que o aluno desta nova era possui, partindo do uso das novas tecnologias de informação e comunicação como recurso intermediador no processo de ensino – aprendizagem.

A respeito disso, segundo Kenski (2007, p. 46):

Não há dúvidas que as tecnologias de comunicação e informação trouxeram mudanças consideráveis e positivas pela educação. Vídeos, programas educativos na televisão e computador, sites educacionais, softwares diferenciados transformam a realidade da aula tradicional, dinamizam o espaço ensino-aprendizagem, onde, anteriormente predominava a lousa, o giz, o livro e a voz do professor.

Assim, fica claro para Kenski (2007) que informação e conhecimento caminham juntos, e que um complementa o outro, uma vez que, a partir das novas tecnologias, que são os computadores, internet, rádio, televisão, jornais, revistas, etc.; o espaço do processo de ensino-aprendizagem se torna amplo, pois o aluno não está mais preso a sala de aula e condicionado apenas as informações que a eles lhe eram repassadas muitas vezes apenas através dos livros didáticos, mas encontram-se em contato direto com notícias e fatos em tempo real, e a escola deve preparar o aluno para estar apto a lidar com as diversas formas de aprender, assim como sugerido nos PCN's:

Desde a construção dos primeiros computadores, na metade deste século, novas relações entre conhecimento e trabalho começaram a ser delineadas. Um de seus efeitos é a exigência de um reequacionamento do papel da educação no mundo contemporâneo, que coloca para a escola um horizonte mais amplo e diversificado do que aquele que, até poucas décadas atrás, orientava a concepção e construção dos projetos educacionais. Não basta visar à capacitação dos estudantes para futuras habilitações em termos das especializações tradicionais, mas antes trata-se de ter em vista a formação dos estudantes em termos de sua capacitação para a aquisição e o desenvolvimento de novas competências, em função de novos saberes que se produzem e demandam um novo tipo de profissional, preparado para poder lidar com novas tecnologias e linguagens, capaz de responder a novos ritmos e processos. (1997, p. 27-28)

Atualmente, Vlach (2007) comenta ser impossível imaginar o mundo longe das tecnologias e que o surgimento dos computadores e da internet, revolucionou todos os âmbitos sejam profissional, educacional, cultural e social, o que acarretou em uma série de possibilidades para a escola e para a educação de um modo geral. Isto se dá tanto pela acessibilidade às notícias em aspecto local, regional e mesmo global, tanto como uma alternativa a mais no que diz respeito a inovação didática, facilitando e inovando a produção de conhecimento.

E nesta perspectiva de reformulação da escola mediante a utilização das Tecnologias de Informação e Comunicação enquanto recurso didático, que o professor de geografia também deve se adaptar, uma vez que, deverá partir da concepção que o aluno possui da mesma e utilizá-la como fator possibilitador do processo de ensino-aprendizagem, como ressalta Pontuschka (2009, p. 75):

Os Parâmetros Curriculares Nacionais de Geografia para o ensino fundamental propõem um trabalho pedagógico que visa ampliar as capacidades dos alunos de observar, conhecer, explicar, comparar e representar as características do lugar em que vivem e diferentes paisagens e espaços geográficos.

Ou seja, os PCN de Geografia propõem um trabalho pedagógico que tenha como objetivo principal a construção significativa do conhecimento, e sendo a geografia a ciência do espaço, e o aluno parte integrante deste espaço, surge portanto, a necessidade de um pensamento crítico, que tenha o aluno e não mais o professor como o centro das atenções, e que o mesmo seja levado a pensar no mundo e mesmo no meio em que vive, produzindo conhecimento e reformulando ideias, como destaca Mercado (2006, p. 86):

As novas tecnologias criam chances de reformular as relações entre alunos e professores e de rever a relação da escola com o meio social ao diversificar os espaços de construção do conhecimento, ao revolucionar processos e metodologias de aprendizagens, permitindo à escola um novo diálogo com os indivíduos e com o mundo.

E Vesentini (2004, p. 228) enfatiza:

[...] é fundamental uma adoção de novos procedimentos didáticos: não mais apenas ou principalmente a aula expositiva, mas, sim, estudos do meio (isto é, trabalhos fora da sala de aula), dinâmicas de grupos e trabalhos dirigidos, debates, uso de computadores (e suas redes) e outros recursos tecnológicos, preocupações com atividades interdisciplinares e com temas transversais, etc.

Deste modo, percebe-se a importância na inovação da escola, e da descentralização do método tradicionalista dos bancos escolares, em que os livros didáticos, as atividades “clichês” e o sistema de decorar textos não tem mais espaço.

Vesentini (2003) lembra que as TICs permitem valorizar o método, o processo, o itinerário, o como, dando aos professores a possibilidade de ensinarem de “outro modo”, permitindo pensar num paradigma metodológico que rompa com o passado. Silva (2001, p.847) ilustra que :

Tal paradigma passa pela combinação dos ambientes presenciais com os ambientes a distância, dos ambientes fechados com os ambientes abertos, da ligação das escolas em rede, modelo de pedagogia uniformizante. entre si, e com outras fontes produtoras de informação e do saber. Num sistema em que a tecnologia assegura a difusão e a informação, ensinar de “outro modo” deve significar, necessariamente, ensinar a construir o saber, ensinar a pensar. (SILVA, 2001. p, 847)

E talvez este seja o ponto, “outro modo”, em que ensinar a construir e a pensar não seja apenas possibilidade, mas realidade. E se tratando de ensino de geografia, as Tecnologias da Informação e Comunicação mostra-se de grande valia enquanto recurso didático, em consequência a falta de materiais para o estudo e compreensão do espaço geográfico que é uma constante nas escolas públicas.

No entanto deve-se salientar que, assim como qualquer outro recurso, a tecnologia só será benéfica e eficaz na escola se for usada adequadamente, indo de encontro aos reais objetivos do ensino seja de geografia ou qualquer outra disciplina, como aborda os PCN' s (1999, p. 27):

A incorporação das novas tecnologias só tem sentido se contribuir para a melhoria da qualidade do ensino. A presença de aparato tecnológico na sala de aula não garante mudanças na forma de ensinar e aprender. A tecnologia deve servir para enriquecer o ambiente educacional, propiciando a construção de conhecimentos por meio de uma atuação ativa, crítica e criativa por parte de alunos e professores.

Sendo assim, Vesentini (2007) comenta que a escola e o professor devem adotar uma postura de responsabilidade e comprometimento com o processo de modernização e implantação do uso das tecnologias no ensino, mesmo porque o que está em evidência é a aprendizagem do aluno. No entanto, mesmo com toda a repercussão das Tecnologias de Informação e Comunicação é pertinente enfatizar que ainda a cultura do livro didático em muitas escolas permanece inabalável, utilizado por décadas como norteador do processo ensino-aprendizagem, o mais conhecido dos recursos utilizados pelos professores desde sua implantação na rede de ensino, como faz notar Vesentini (2007, p.166):

O livro didático constitui um elo importante na corrente do discurso da competência: é o lugar do saber definido, pronto, acabado, correto e, dessa forma, fonte única de referência e contrapartida dos erros das experiências de vida.

Percebe-se então que, por mais que existam diversas formas de aprender, ensinar e identificar o espaço geográfico, o livro didático até então permanece como um dos meios para a obtenção de resultados. Pontuschka, Paganelli e Cacete (2007) comentam que:

“Atualmente, a ampla produção cultural disponibiliza múltiplas linguagens a ser utilizadas como auxiliares na compreensão e análise do espaço geográfico. Não obstante, os livros didáticos continuam a ser o grande referencial na sala de aula para alunos e professores das escolas públicas e privadas do país, embora sejam utilizados de formas variadas: às vezes, permitindo que o aluno faça uma reflexão; muitas vezes, trabalhando de modo tradicional e não reflexivo.” (PONTUSCHKA; PAGANELLI; CACETE, 2007, p. 339).

Posto isto, nota-se que embora a escola do século XXI e conseqüentemente, seus alunos pertençam a “era digital”, e que as TIC’s enquanto recurso didático possuam importância inegável para a melhoria do processo de ensino-aprendizagem, o livro didático também possui o seu peso no que compete à formação de conhecimento. Ressalta-se que ele pode ser tão eficaz quanto as tecnologias, desde que o professor esteja engajado enquanto mediador do conhecimento, e busque métodos que enriqueçam os conteúdos programáticos que o constitui, pois tanto o livro didático, quanto as novas tecnologias apenas se

constatarão eficazes a partir da boa utilização dos mesmos, onde o objetivo é sinônimo de resultado.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O projeto foi desenvolvido utilizando-se das seguintes metodologias: pesquisa bibliográfica, na qual se buscou embasamento necessário para que o trabalho esteja bem fundamentado. Também se classifica como um estudo de caso tendo os alunos do 6º ano de uma escola estadual como foco central, tendo em sua finalidade levantar dados que viabilizem a identificação de como são utilizados os livros didáticos nas aulas de Geografia.

Levando em conta que a geografia é uma ciência social, assim deve estar sendo ministrada de forma que leve o aluno, futuro cidadão e senhor de suas ideias a compreensão do mundo de forma geral e ilimitada, dando-lhe oportunidade de conhecer a si próprio e ao mundo em que vive.

Dessa maneira, declara-se a intenção deste trabalho, uma vez que busca a partir dos dados coletados, identificar a opinião dos alunos em relação a importância do livro didático para a sua formação cognitiva, ao mesmo tempo, tendo novas metodologias que enriqueçam e agreguem valores ao processo de aprendizagem.

3.1 TIPO DE PESQUISA

Inicialmente a pesquisa foi realizada partindo de revisão bibliográfica, utilizando-se de livros, sites e periódicos em relação ao assunto escolhido. Portanto será do tipo bibliográfico, qualitativo com sustentação em pesquisa de campo definidos por Marconi e Lakatos:

Trata-se de toda a bibliografia já publicada, em forma de livros, revistas, publicações avulsas e impressas escritas. Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo aquilo que foi escrito sobre determinado assunto [...]. (MARCONI & LAKATOS, 2010, p. 44).

Também declara-se que a pesquisa teve uma forma qualitativa à medida que se baseia em dados coletados a partir da descrição feita pelos sujeitos, que neste caso foi coletado a partir de um questionário aplicado aos alunos. (GIL, 2002)

3.2 POPULAÇÃO AMOSTRA

A pesquisa de campo foi realizada com os alunos do 6º ano do Ensino Fundamental II de um colégio estadual situado na cidade de Figueira, na região norte do Paraná.

3.3 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

Os dados da pesquisa foram coletados a partir de questionário aos alunos participantes das amostras relatadas, portanto, foram distribuídos 28 questionários, correspondentes ao número de alunos que compõem a classe (Questionário apresentado em Apêndice).

O questionário foi composto de doze (12) questões de múltipla escolha, que são, de acordo com Marconi & Lakatos, “perguntas fechadas, mas que apresentam uma série de possíveis respostas, abrangendo várias facetas do mesmo assunto” (2010, p.189). E tendo em vista o alcance do objetivo deste trabalho que foi identificar a importância da utilização do livro didático nas aulas de geografia, partindo das respostas dos alunos, e ainda a utilização de outros recursos didáticos como complemento do conteúdo dos livros, são apresentados nove (9) gráficos correspondentes aos resultados das análises dos dados com a discussão dos mesmos.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Para reconhecer e identificar a visão dos alunos em relação ao uso do livro didático nas aulas de Geografia e da sua funcionalidade enquanto recurso metodológico do ensino foi aplicado um questionário, em que as respostas foram sistematizadas, com apresentação de dados seguida pela discussão dos resultados, que se encontram nos gráficos apresentados em seguida.

A primeira questão indagou a frequência com que o livro didático é utilizado nas aulas de Geografia, e como se pode observar a partir dos dados, que, em sua maioria, 41% (12) são utilizados em todas e 41% (12) em quase todas as aulas, ou seja, é um constante no cotidiano escolar dos alunos. Dentre os entrevistados apenas um não possuía opinião formada (Figura 1).

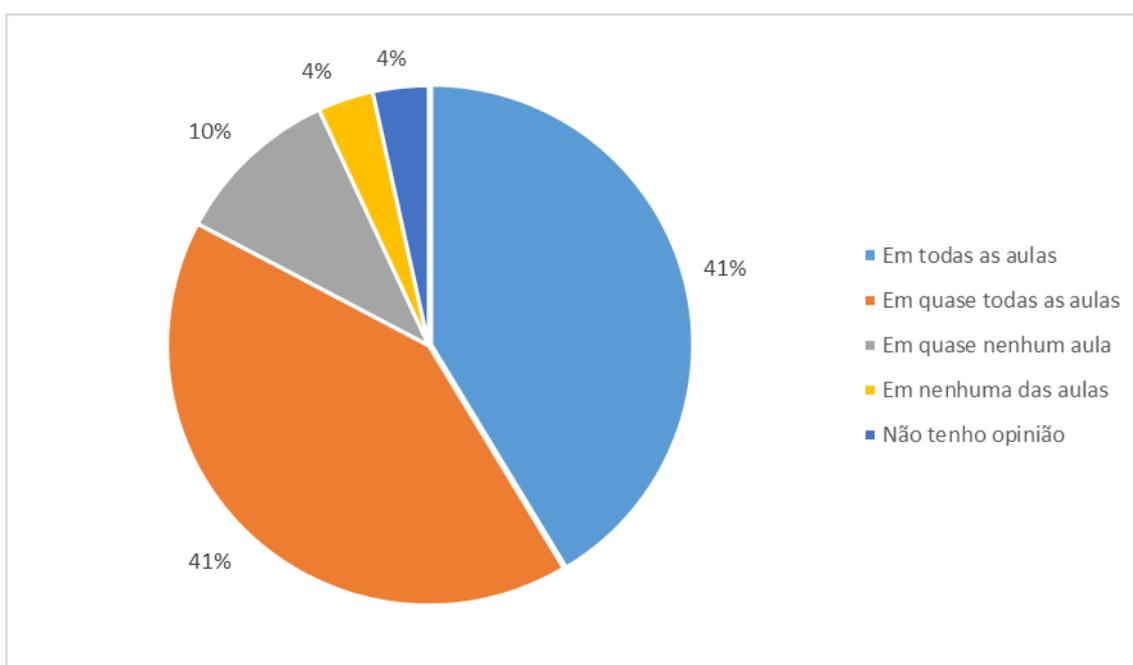


Figura 1: A frequência em que o livro didático de Geografia é utilizado.
Fonte: Questionário aplicado pela autora (2014)

Na segunda questão, buscou inteirar-se sobre a opinião dos alunos em relação a qualidade dos conteúdos do livro didático, ressaltando que o mesmo é utilizado frequentemente nas aulas de Geografia.

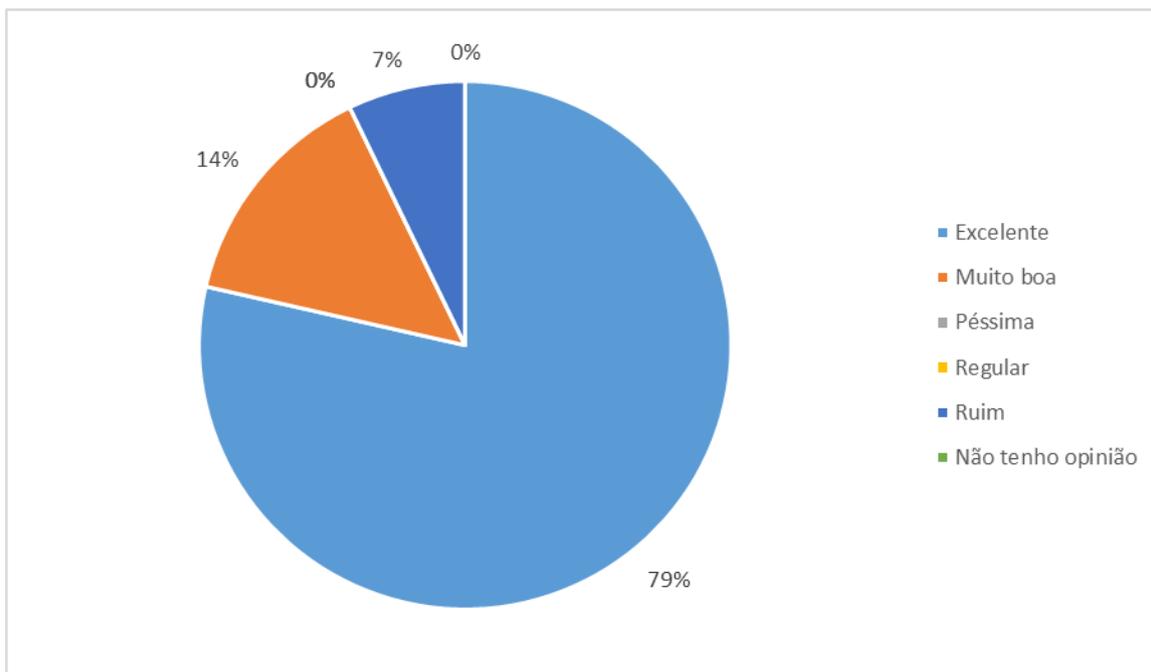


Figura 2: A qualidade dos conteúdos dos livros didáticos de Geografia.

Fonte: Questionário aplicado pela autora (2014)

Os entrevistados se mostraram satisfeitos, evidenciando uma posição positiva enquanto questionados sobre a qualidade dos conteúdos do livro didático, sendo que 79% (22) o classificaram como excelente e 14% (4) como muito boa, contra 7% (2) que o classificaram como ruim (Figura 2).

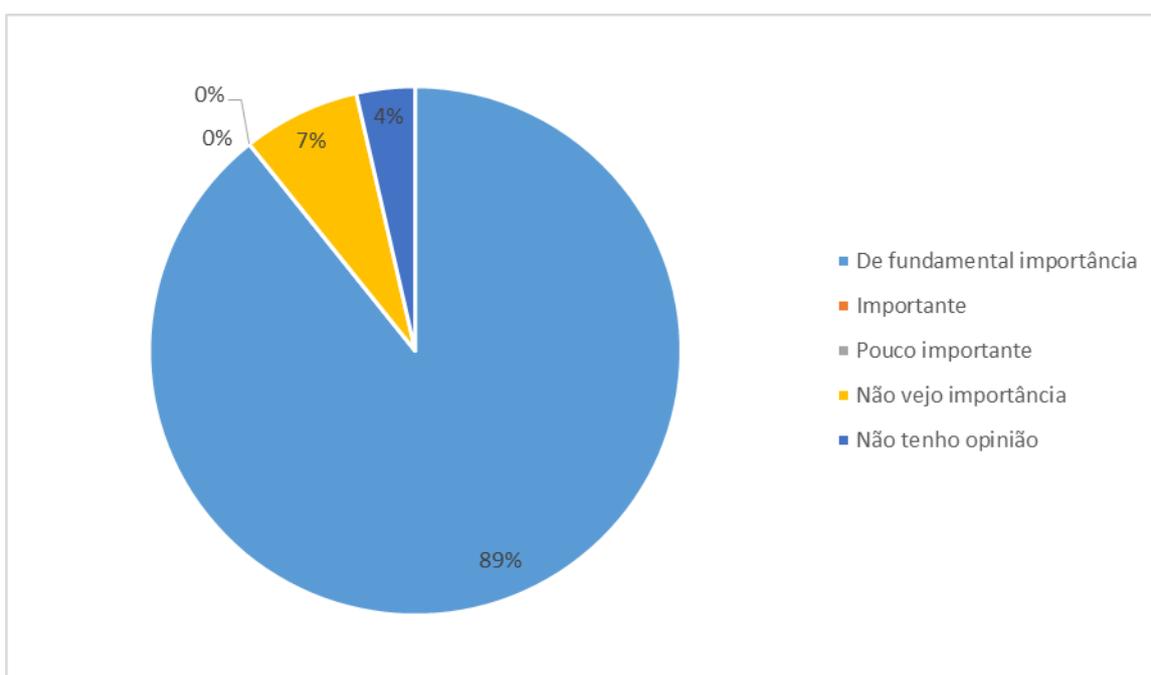


Figura 3: A importância do livro didático para a disciplina de Geografia.

Fonte: Questionário aplicado pela autora (2014)

A terceira questão, correspondente ao gráfico da Figura 3, teve como objetivo verificar a importância do livro didático para a disciplina de Geografia, e assim como na questão 2, os alunos entrevistados mantiveram a opinião positiva, onde 89% (25) classificou o livro como de fundamental importância para a disciplina, uma vez que os mesmos são utilizados em todas ou quase todas as aulas, e conseqüentemente por isso este seja considerado como fundamental.

Os gráficos das Figuras de 4 a 8 referem-se ao uso pelo professor de outros recursos didáticos que complementem os textos e atividades dos livros didáticos, mesmo porque o livro deve ser usado como um norteador do processo de ensino-aprendizagem e não como o único recurso disponível e existente.

Desta forma, o primeiro recurso analisado foram os mapas conforme expresso no gráfico da Figura 4. Pode-se observar que o mapa, segundo os alunos pesquisados, é utilizada com muita frequência, de modo que 61% (17) assim afirmaram, e outros 25% (7) classificaram seu uso como sendo de boa frequência.

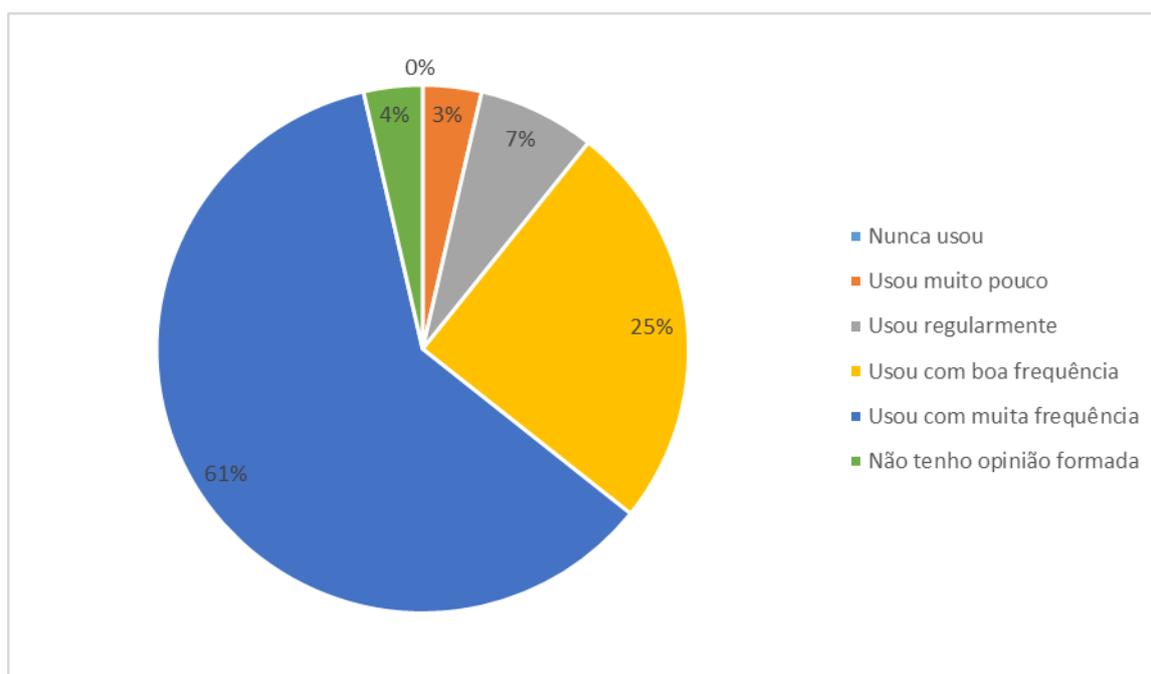


Figura 4: Utilização de mapas nas aulas de Geografia.
Fonte: Questionário aplicado pela autora (2014)

Quanto ao uso do planisfério, observou-se que este recurso é utilizado com boa frequência, que corresponde a 64% (18) de todos os entrevistados, e 21% (6) consideraram o uso como “muito pouco”. O que acarreta numa disparidade de informações, porém, pode-se considerar que o planisfério está sendo utilizado pelo professor, mesmo que de forma pouco frequente (Figura 5).

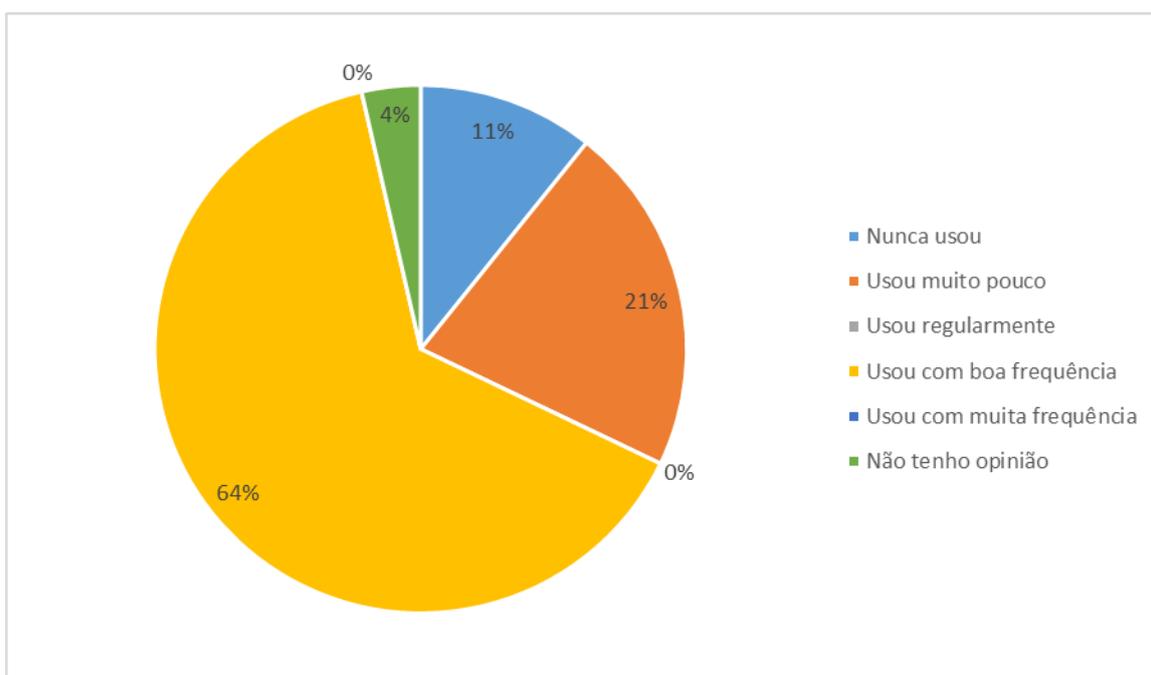


Figura 5: Utilização de planisfério nas aulas de Geografia.
 Fonte: Questionário aplicado pela autora (2014)

A mesma disparidade de informações pode ser observado no gráfico da Figura 6, que refere-se à utilização do globo nas aulas de Geografia, uma vez que são instrumentos de peso na construção do pensamento geral do que venha a ser de fato a superfície terrestre.

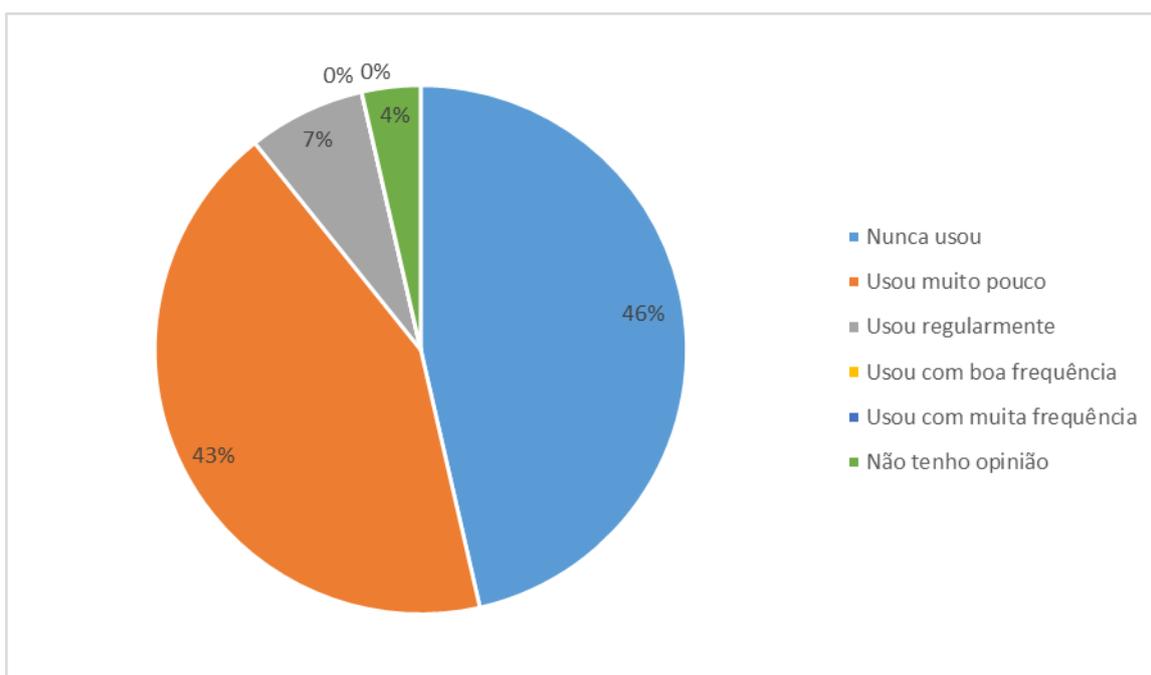


Figura 6: Utilização do globo nas aulas de Geografia.
 Fonte: Questionário aplicado pela autora (2014)

Porém, ao que diz respeito ao uso do globo, o posicionamento foi negativo, visto que 46% (13) disseram nunca terem usado e 43% (12) usaram muito pouco.

Os gráficos das Figuras 7 e 8 apresentam as TIC, representados primeiramente pelos computadores como recurso complementar dos conteúdos do livro didático de Geografia utilizados pelo professor, seguido pelos vídeos e filmes.

No que se refere ao uso dos computadores constatou-se que: 57% (16) nunca usou e 36% (10) usou muito pouco, ou seja, os computadores são pouco ou nem são utilizados como recurso didático de Geografia, uma vez que, as escolas do Paraná dispõem de um laboratório de informática para o uso dos professores e alunos, ao ponto que deveriam estar sendo utilizados.

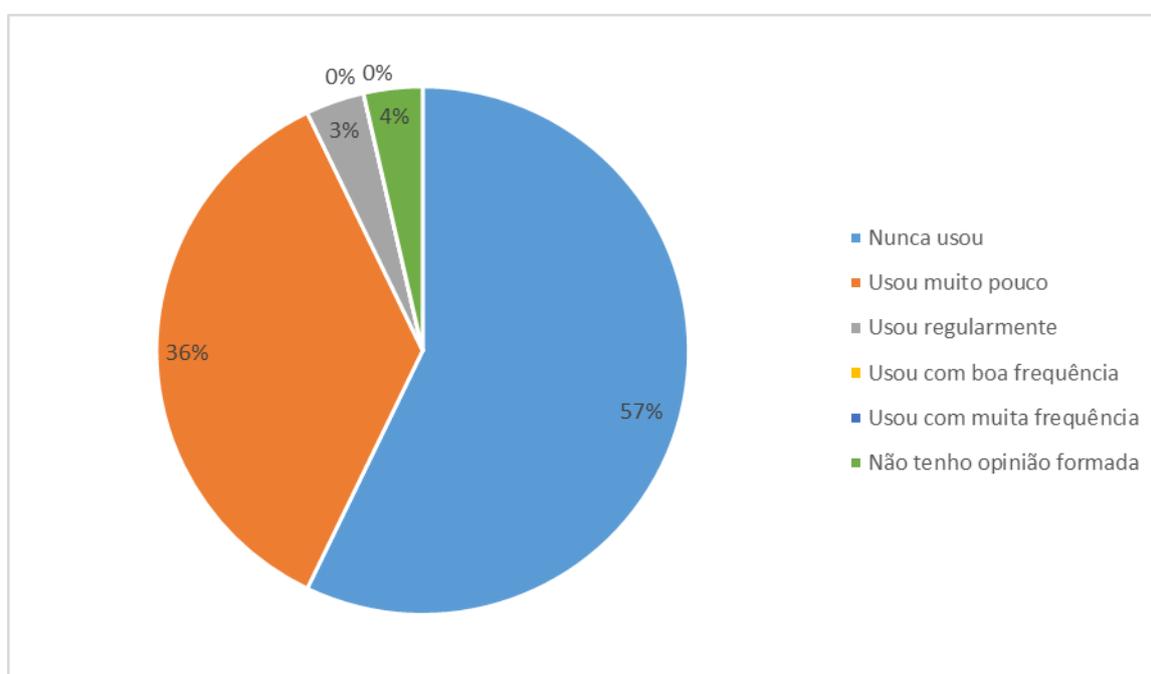


Figura 7: Utilização de computadores nas aulas de Geografia.

Fonte: Questionário aplicado pela autora (2014)

O gráfico da Figura 8, que compete a utilização de vídeos e filmes em sala de aula, apresenta um resultado positivo em relação ao seu uso. Desta forma, os dados apontam que 57% (16) usou com boa frequência, seguido de 25% (7) usou regularmente e 14% (4) usou com muita frequência, e 4% (1) não possui opinião formada sobre o assunto.

Portanto, pode-se considerar que os vídeos e filmes, são utilizados de forma contínua na sala de aula, e assim como as escolas possuem computadores, as mesmas dispõem de uma TV *Pendrive* nas salas, o que talvez seja um aspecto que favoreça o uso destes recursos tecnológicos no cotidiano escolar.

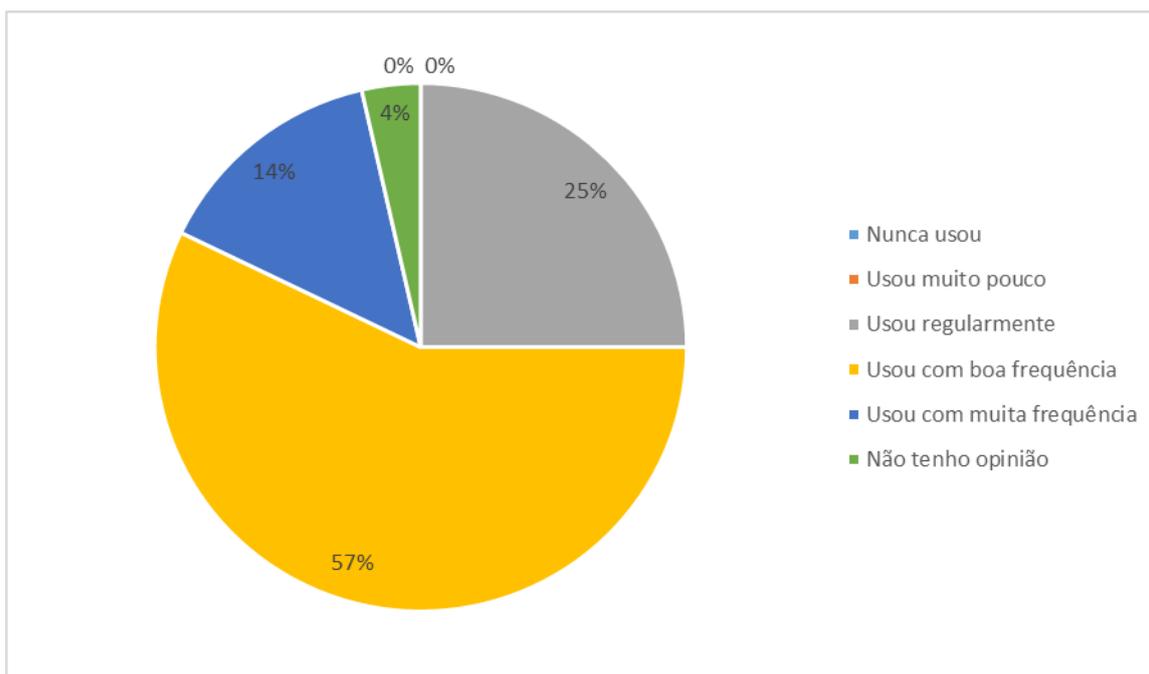


Figura 8: Utilização de vídeos e filmes nas aulas de Geografia.

Fonte: Questionário aplicado pela autora (2014)

Por fim, a última questão representada no gráfico da Figura 9, buscou averiguar a opinião dos alunos em relação ao aprendizado obtido com o uso do livro didático de Geografia.

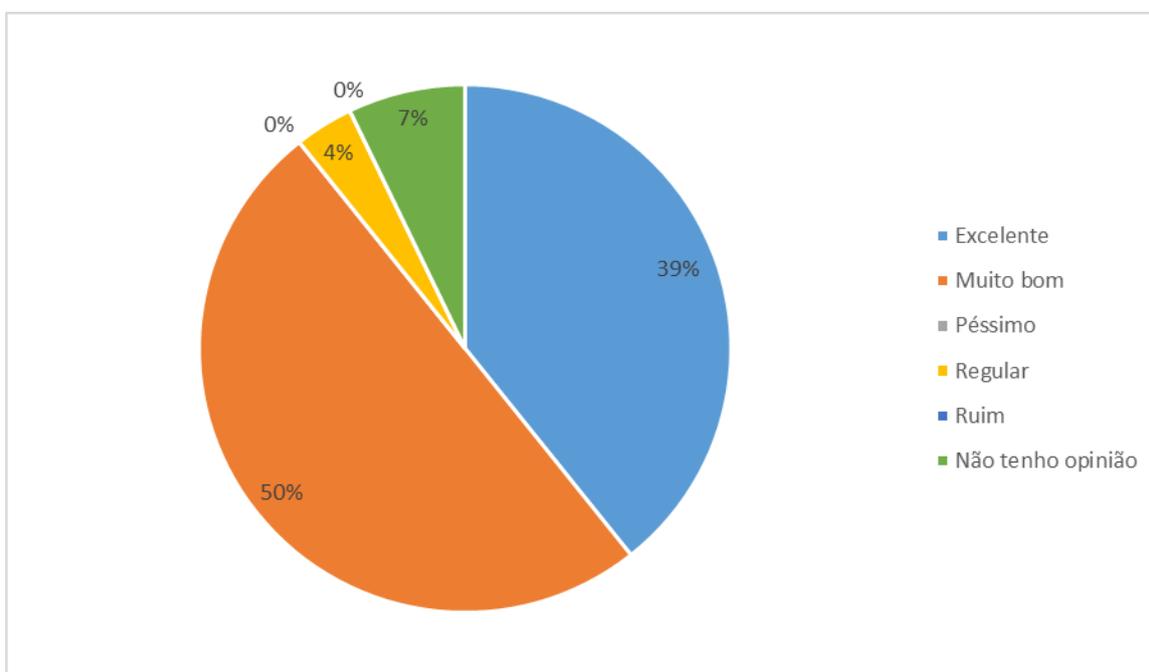


Figura 9: A qualidade do aprendizado obtido com o uso do livro didático de Geografia.

Fonte: Questionário aplicado pela autora (2014)

E como resultado, 50% (14) consideraram como “muito bons”, 39% (11) como “excelente”, 4% (1) “regular” e 7% (2) não possuía opinião sobre o assunto.

Desta forma, pode-se concluir através dos dados obtidos por meio do questionário, que os alunos estão satisfeitos e consideram o livro didático como sendo um bom recurso didático enquanto levado em consideração o aprendizado no ensino de Geografia.

De modo geral, pode-se perceber através da sistematização dos dados do questionário aplicado aos alunos, que ainda hoje após décadas de utilização, o livro didático é o principal método de ensino-aprendizagem, embora sejam usados recursos como mapas, globo e planisfério, e ainda as Tecnologias de Informação e Comunicação que estão em evidência no mundo contemporâneo.

Neste sentido, cabe ao professor uma revisão de seus conceitos e conteúdos metodológicos, pois este ainda é o responsável por agregar e desempenhar atividades que envolvam outros meios que não seja o livro didático, meios que levem o aluno a ter resultados, e não apenas no que compete à notas, mas a aprendizagem significativa, que perdurara para além da vida escolar. Apesar disso, Oliveira e Tsukamoto (2004, p.27) afirmam que:

O professor não pode ser mais um mero transmissor de conhecimentos, e nem os alunos meros sujeitos passivos de conhecimentos. É fundamental que o professor ofereça condições para que os alunos atinjam os objetivos esperados no processo de ensino/aprendizagem da Geografia.

Logo, os professores devem estar dispostos e preparados profissional e intelectualmente para que possa obter sucesso no que implica na formação de sujeitos críticos, atuais e formadores de opinião, levando em conta que os alunos têm essa necessidade, pois o mundo globalizado em que se vive exige da nova geração, uma formação que supra as demandas atuais.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo de todo o processo de construção e consolidação do ensino a Geografia escolar acabou que de alguma maneira afetada por cada corrente geográfica que se formou a partir da necessidade de inovação da sociedade, pois estamos em intenso fluxo de desenvolvimento, e para que os alunos, futuros cidadãos devam estar capacitados essas mudanças são necessárias.

E este novo cenário exige de cada um dos profissionais da educação uma postura renovada frente a tantas reformulações do mundo atual, onde suas técnicas não estejam apenas voltadas aos métodos prontos e acabadas, sistematizadas cientificamente em princípios metodológicos tradicionalistas, mesmo porque o aluno deve ser levado a pensar criticamente sobre os temas e conceitos geográficos, ao ponto que consiga associar o científico com o real, o vivido, associando o aprendizado da sala de aula a sua vida cotidiana, percebendo a geografia como seu espaço.

Desta forma, seria essencial para um processo de ensino- aprendizagem efetivo e significativo que além da utilização do livro didático, fossem usados outros recursos didáticos, porém como pode-se observar mediante a pesquisa que os alunos utilizam-se dos livros didáticos em todas as aulas de Geografia, não havendo contato por exemplo, com materiais indispensáveis como os mapas, o globo e o planisfério que de certa forma auxiliam na localização e percepção dos conceitos geográficos, e que os computadores que compõe o quadro das Tecnologias de Informação e Comunicação nunca foram utilizados em atividades. Talvez a falta de metodologias mais eficazes levem os alunos a terem o livro didático de Geografia como um recurso de fundamental importância e excelência para a compreensão da disciplina.

Portanto, a responsabilidade que os docentes têm diante a essas questões que não se tratam de nada novo nas escolas é inegável, pois ele é o único que pode definir um modo de trabalho seja este critico ou tradicional impondo assim seus ideais e seus conhecimentos para que estes não fiquem sujeitos a um sistema que dita e impõe modos de trabalho, pois os professores geógrafos na função de mestres e propagadores de conhecimentos devem formar alunos não apenas para o

mercado de trabalho, discurso que se escuta constantemente, mas formar para uma vida toda. Onde este aluno possa fazer um bom uso de todos os conceitos geográficos apreendidos na escola, não apenas para as aulas de Geografia, mas para que perceba a importância destes, descobrindo para o que realmente serve a Geografia.

Sendo assim, a responsabilidade na formação de indivíduos preparados e principalmente capacitados intelectualmente, trata-se de uma questão que vai desde mudanças metodológicas no ensino de Geografia, na boa utilização dos livros didáticos, pois os mesmos são excelentes materiais de trabalho, desde que sejam utilizados de forma conjunta com outros recursos, pois leitura, cópia e “decoreba” não são sinônimos de aprendizado, e acaba conduzindo o aluno a uma postura teórica e limitada, uma vez que o mesmo deve produzir uma visão ampla do mundo, pois não há como se ensinar Geografia, visto que se trata de uma ciência tipicamente conceitual, sem que o aluno possa vislumbrar os fatos, e mais do que isso, possa através da construção e participação ativa nas aulas concretizar em si esse enorme leque de conceitos apresentados a eles pela Geografia.

REFERÊNCIAS

ARCHELA, R.S. **Perfil da Cartografia- métodos e instrumentação cartográfica.** 2006

BRABANT, J. M. **Crise da Geografia, Crise da escola.** Em: Para onde vai o ensino de Geografia? São Paulo: Contexto, 2003.

BRASIL, Ministério da Educação. **Guia de livros didáticos PNLD 2008: Geografia.** Brasília: MEC, 2007.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia e práticas de ensino.** Goiânia: Alternativa, 2002.

FNDE - Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. Ministério da Educação. Disponível em: <http://www.fnde.gov.br/home/index.jsp?arquivo=livro_didatico.html>. Acesso em: 20.jul. 2014.

GATTI, Décio Junior. **A escrita escolar da história: livro didático e ensino no Brasil.** Bauru, SP: Edusc; Uberlândia, MG: Edufu, 2004.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

KENSKI, Vani Moreira. **Educação e Tecnologias: o novo ritmo da informação.** São Paulo, Papirus, 2007.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática velhos e novos temas.** Goiânia, 2002.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia Científica.** 7 ed. SP: Atlas, 2010.

MERCADO, Luis Paulo Leopoldo (Org.). **Experiência com tecnologia da informação e comunicação na educação.** Maceió: Edufal, 2006.

OLIVEIRA, A. **Situação e Tendências da Geografia.** In: Para onde vai o ensino de Geografia? São Paulo: Contexto, 2003

OLIVEIRA, C. C.; TSUKAMOTO, R. Y. **A Utilização do mapa nas aulas de Geografia em Cambé- PR.** In. Múltiplas Geografias: ensino, pesquisa e reflexão. Vol. I Londrina: Humanidades, 2004.

PCN - Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio. Brasília: MEC, 1999.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib. **A Geografia: pesquisa e ensino.** In. CARLOS, A. F. A. (ORG.) Novos Caminhos da Geografia. São Paulo: Contexto, 1999. p. 111-142.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib. PAGANELLI, Tomoko Iyda. CACETE, Núria Hanglei. **Para ensinar e aprender geografia.** 1ª Ed. São Paulo: Cortez, 2007.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib (Org.). **Para ensinar e aprender geografia.** São Paulo: Cortez, 2009.

Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: história e geografia. Brasília: MEC/SEF, 1997.

SANTOS, Maria Lúcia. **Do giz à era digital.** Porto Alegre: Zouk Editora, 2003.

SILVA, Bento (2001). **A tecnologia é uma estratégia.** In Paulo Dias & Varela de Freitas (org.). Actas da II Conferência Internacional Desafios 2001. Braga: Centro de Competência da Universidade do Minho do Projecto Nónio, p. 847.

VESENTINI, J.W. **Geografia Crítica e Ensino.** Em: Para onde vai o ensino de Geografia? São Paulo: Contexto, 2003.

VESENTINI, José William. **O ensino da geografia no século XXI.** 3. ed. Campinas: Papirus, 2004.

VESENTINI, José William. **A questão do livro didático no ensino da Geografia Novos caminhos da Geografia** in Caminhos da Geografia. Ana Fani Alessandri Carlos (organizadora). 5.ed., 1ª reimpressão- São Paulo: Contexto, 2007.

VLACH, Vania. R.F. **O ensino de Geografia no Brasil: Uma perspectiva histórica.** Em: O ensino de geografia no século XXI. Cidade: Papirus, 2007.

Vygotsky, L. S. **Pensamento e Linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 7.ed., 2000

APÊNDICE



APÊNDICE - QUESTIONÁRIO APLICADO AO ALUNO

Prezado(a) respondente:

Este questionário possui finalidade exclusivamente acadêmica. O objetivo desta pesquisa é investigar a sua percepção sobre o uso do livro didático nas aulas de Geografia. Gostaríamos de contar com sua colaboração respondendo as questões a seguir.

Agradeço sua colaboração
Silvana Puchalski – Pesquisadora

1. Indique a que gênero você pertence: 2. Qual é a sua idade? _____ anos
() Masculino () Feminino. 3. Em qual série você estuda? _____.

Com relação ao uso do livro didático de Geografia, responda às perguntas 4, 5 e 6:

4. O livro didático de Geografia é utilizado em sala:
() Em todas as aulas () Em quase todas as aulas
() Em quase nenhuma aula () Em nenhuma das aulas () Não tenho opinião
5. A qualidade dos conteúdos dos livros didáticos de Geografia:
() É excelente () É muito boa () É regular
() É ruim () É péssima () Não tenho opinião
6. Para a disciplina de Geografia o livro didático é:
() De fundamental importância () Importante
() Pouco importante () Não vejo importância () Não tenho opinião

Quanto ao uso pelo professor de outros recursos didáticos que complementem os textos e atividades do livro didático preencha o quadro apresentado indicando apenas uma opção para cada recurso:

	Recurso Pedagógico				
	7. Mapas	8. Planisfério	9. Globo	10. Computadores	11. Vídeos e Filmes
Nunca usou					
Usou muito pouco					
Usou regularmente					
Usou com boa frequência					
Usou com muita frequência					
Não tenho opinião formada					

12. Em sua opinião, o aprendizado obtido com o uso do livro didático de Geografia.
() É excelente () É muito bom () É regular
() É ruim () É péssimo () Não tenho Opinião